

ADORNO E A ANULAÇÃO DA SUBJETIVIDADE SOB O CAPITALISMO MONOPOLISTA

Lutti Mira¹

Universidade de São Paulo

Resumo: No artigo, pretendemos mostrar como a relação íntima entre a interpretação adorniana do capitalismo monopolista e a temática do fim da subjetividade e da internalização se desenvolveu nos primeiros escritos de Adorno nos EUA. Para explorar essa relação, é necessário primeiro atestar o crescente envolvimento de Adorno com o Instituto de pesquisa social durante seus anos de exílio nos Estados Unidos, especialmente com seu diretor, Max Horkheimer; de particular interesse é notar que tanto o capitalismo monopolista como o fim da internalização eram grandes temáticas das discussões e textos do Instituto durante as décadas de 1930 e 1940. Com efeito, é somente no cruzamento da influência do Instituto que Adorno forjou as concepções básicas que iriam guiar seus futuros estudos sobre o antissemitismo e seu clássico livro, escrito com Horkheimer, *Dialética do esclarecimento*. Depois de esclarecer a posição que Adorno assumiu em relação aos estudos do Instituto, nossa atenção se voltará para os próprios textos adornianos, especialmente aqueles relacionados ao Radio Research Project. Primeiramente, exploraremos o famoso ensaio "Sobre o fetichismo na música e a regressão da audição", escrito em 1938 como uma primeira análise relacionada à vida musical de então. Nesse texto, podemos ver a primeira articulação de Adorno acerca da maneira com que a influência difundida do capitalismo monopolista modifica não somente a relação entre o mercado e a produção musical, mas também a própria constituição dos sujeitos envolvidos nesse processo. Além disso, o motivo da passagem do capitalismo liberal do século XIX ao capitalismo monopolista oferece a chave para a visão adorniana de que a subjetividade foi anulada: essa passagem a um novo estágio do capitalismo implica na tese de que a subjetividade não é mais forjada no seio da família, mas, ao contrário, foi transferida para domínio da sociedade. Essa mesma ideia iria ser desenvolvida em um pequeno texto chamado "O problema de um novo tipo humano". Diretamente relacionado ao Radio Project – o texto é parte do volume chamado *Current of music: Elements of a radio theory* –, esse ensaio explora mais profundamente o entrelaçamento entre o capitalismo monopolista e a "morte" da subjetividade: visto que esse novo capitalismo borra as fronteiras entre o Eu e seus arredores, o ego em sentido tradicional deixa de realmente existir. Ademais, nesse mesmo texto vemos Adorno quase repetindo as conclusões do Horkheimer dos estudos sobre Autoridade e família, provando desse modo a fundamental influência que o Instituto teve no pensamento de Adorno sobre o tópico do fim da subjetividade. A originalidade adorniana seria a de conectar esse tópico com as mudanças prescritas pelo capitalismo monopolista, explorando assim o significado do fim do sujeito no âmbito da vida musical e cultural.

Palavras-chave: Adorno. Capitalismo. Psicologia social. Subjetividade. Teoria Crítica.

¹ Graduando em Filosofia, desenvolve pesquisa financiada pela *Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo* (FAPESP). E-mail: luttimira@gmail.com.

Adorno and the end of subjectivity under monopoly capitalism

Abstract: In this article, we aim to show how the intimate relationship between the adornian interpretation of monopoly capitalism and the thematic of the end of subjectivity and internalization developed in Adorno's first texts written in the USA. In order to explore this relationship, it is first necessary to state the growing involvement Adorno developed with the Institute of social research during his years in America, especially with its director, Max Horkheimer; particularly interesting for us is to note that both the monopoly capitalism and the end of subjectivity were main themes of the Institute's discussions and texts during the 30's and 40's. Thus, it is only in the crossroad of the Institute's influence that Adorno forged the basic conceptions that guide his upcoming studies on anti-semitism and his classical book, written with Horkheimer, *Dialectic of Enlightenment*. After clarifying the position Adorno took in relation to the Institute studies, our attention will shift to Adorno's own texts, mainly to the texts related to the Radio Research Project, in which Adorno participated for 5 years (1938-1942). Besides being one of main reasons Adorno emigrated to the USA, the Radio Project worked for Adorno as a laboratory to elaborate the concepts he was in contact in the Institute. In a first moment, we will explore the very famous essay "On the fetish-character in music and the regression of listening", written in 1938 as a first analysis related the then current musical life. In this text, we see Adorno's first articulation of how the pervasive influence of the monopoly capitalism modifies not only the relationship between market and musical production, but also changes the very constitution of the subjects involved in this process. Moreover, the motive of the transition of the nineteenth-century liberal capitalism to the monopoly capitalism offers the key to Adorno's vision that the subjectivity has been anulated: this passage to a new stage of capitalism implicates that subjectivity is no longer wrought in the interior of family, but instead is transfered to the realm of society. This very same idea would be developed in a small text called "The problem of a new type of human being". Directly related to the Radio Project – the text is part of a volume named *Current of music: Elements of a radio theory*, that joins Adorno's writings related to the radio studies –, this essay explores more deeply the intertwinement between monopoly capitalism and the "death" of subjectivity: since this new capitalism stage blurs the boundary between the self and its surroundings, ego in the traditional sense ceases to exist. Furthermore, in this same text we see Adorno almost repeating the conclusions of Horkheimer's studies *Authority and the family*, thus proving the fundamental influence that the Institute had in Adorno's thinking on the topic of the end of subjectivity. Adorno's originality would be to connect this topic with the changes prescribed by monopoly capitalism, exploring the meaning of the death of subject in the realm of musical and cultural life.

Keywords: Adorno. Critical theory. Capitalism. Subjectivity. Social psychology.

É notável que a sociologia adorniana, tanto por seu ímpeto naturalmente especulativo e contrário à compartimentação das disciplinas, como também em função de sua inspiração no materialismo interdisciplinar que caracterizou a primeira geração da Teoria crítica, esteja sempre na intersecção dos mais variados temas. Mais que uma concepção abrangente do que seja a disciplina sociológica, o que está em questão para Adorno é a amplitude de um conceito de social que, pensado à luz de Hegel e Marx, o concebia como uma totalidade contraditória. Assim, falar em sociologia adorniana significa sempre mobilizar as demais disciplinas sobre as quais incidiram seu pensamento – a psicologia social, a música, etc. O que gostaríamos de explorar no presente texto é um dos capítulos dessa concepção ampla da sociologia adorniana, que são seus escritos dos anos 1938-1942, analisando-os sob o prisma de que o capitalismo de então passava por uma transformação fundamental, passando de uma fase liberal-burguesa para outra, monopolista.

Ora, é evidente que essa conjunção só pode ser corretamente compreendida quando se tem em vista as principais temáticas então em voga nos estudos do Instituto de Pesquisa Social, liderado por Max Horkheimer. Embora Adorno ainda ocupasse, durante os anos finais da década de 1930, uma posição relativamente marginal no interior do Instituto², é inegável tanto seu desejo de ali obter maior inserção, como também seu crescente envolvimento tanto com Horkheimer quanto com as discussões entre os diversos intelectuais que compunham tal Instituto. Com efeito, é na encruzilhada dos debates que ocorriam então no Instituto que se compreende melhor de que maneira Adorno absorveu e filtrou o diagnóstico de Friedrich Pollock referente ao capitalismo monopolista, como também a centralidade da psicanálise no interior das ciências e disciplinas

² Cf. GATTI, 2009, pp. 21-23.

conjugadas no arranjo que Horkheimer passou a propor a partir de meados da década de 1930.³ Mais precisamente, o envolvimento de Adorno com o Instituto, e o consequente surgimento de aspectos psicanalíticos em seu pensamento, juntamente com uma nova visão da situação da economia política a partir dos escritos de Pollock, que o levaram à ideia de que, se o capitalismo sofreu uma modificação fundamental, também o indivíduo que dele faz parte alterou-se.

Mas é importante salientar, a partir de diversos estudos recentes⁴, que quando se fala em Teoria crítica ou em Escola de Frankfurt não se pode depreender que ali haveria uma única teoria desenvolvida em mesmo sentido por todos os seus membros. É evidente que, muito embora houvessem temáticas comuns (a questão da autoridade, o tópico da então fase do capitalismo, etc.), cada autor as trabalhava à sua maneira, havendo inclusive contendas e dissenso a respeito de muitos temas entre os membros do Instituto. Isso dito, pretendemos pegar um atalho tão somente pelas principais questões que o então diretor do Instituto, Max Horkheimer, tinha em seus estudos desde meados da década de 1930, tendo como ponto culminante o famoso ensaio de 1938, *Teoria tradicional e teoria crítica*. Acreditamos que esquadrihar as posições de Horkheimer para delas encontrar uma influência decisiva no pensamento adorniano se justifica na medida em que, como evidenciam os escritos de Adorno da década de 1940 como um todo, Horkheimer tornar-se-ia o colaborador mais próximo de Adorno, a ponto de publicarem a quatro mãos a *Dialética do esclarecimento* em 1947. Quando falamos aqui, portanto, da influência do

³ Segundo Olivier Voirol, os diagnósticos formulados por Adorno a partir de 1938 "(...) não procedem unicamente da pesquisa empírica sobre o rádio, mas de um vasto trabalho de pesquisa interdisciplinar realizada no seio do Instituto de Pesquisas Sociais, envolvendo disciplinas como a economia política, o direito, a estética e a psicanálise. Adorno extraiu consideravelmente das contribuições de seus colegas para realizar sua análise das mídias e da cultura e não saberia compreender esse exame do devir da cultura sem considerar esse quadro interdisciplinar da teoria crítica e da riqueza de suas contribuições empíricas." VOIROL, 2011, p. 144.

⁴ Ver, por exemplo, NOBRE, 2004.

Instituto sobre Adorno, isso via de regra significa a influência que as temáticas com as quais trabalhava Horkheimer em seu diagnóstico de época do final dos anos 1930 tiveram sobre os escritos de Adorno. Neste sentido, segundo Marcos Nobre, seriam

três os elementos fundamentais que caracterizam o diagnóstico do tempo presente de Horkheimer em 'Teoria tradicional e teoria crítica' [1938], todos eles derivados direta ou indiretamente de trabalhos realizados no Instituto de Pesquisa Social na década de 1930 e em grande medida divergentes relativamente ao diagnóstico apresentado por Marx originalmente no século XIX. (NOBRE, 2013, p. 39)

Esses três elementos seriam: (i) o diagnóstico de Friedrich Pollock da passagem do capitalismo de uma fase concorrencial para uma fase monopolista; (ii) os *Estudos sobre Autoridade e Família*, em que se destaca a participação de Erich Fromm e que indicavam uma diferenciação interna ao proletariado não antes prevista pela teoria marxista; (iii) por último, a ascensão do nazismo e do fascismo na Europa.⁵ Somado a isso, como indica Nobre no mesmo artigo, a psicanálise iria adquirir grande importância no arranjo multidisciplinar desenvolvido por Horkheimer na década de 1930:

Isso significa também que o modelo crítico elaborado por Horkheimer na década de 1930 atribuía à economia política uma posição central no arranjo disciplinar, tal como já havia sido feito antes por Marx. Isso não impediu, entretanto, que muitos novos temas e mesmo muitas disciplinas fossem incorporadas ao trabalho coletivo. O caso mais importante parece ser o da psicanálise, criada por Sigmund Freud (1856-1939) na virada do século. A

⁵ Cf. NOBRE, 2013, pp. 39-41.

Lutti Mira

psicanálise então nascente e bastante desconhecida fora dos círculos intelectuais foi vista por Horkheimer como um complemento essencial à teoria de Marx. Durante a década de 1930, foi estreita e intensa a colaboração entre Horkheimer e o psicólogo Erich Fromm (1900-1980)(...). (NOBRE, 2013, p. 38).

Não é mera coincidência que esses três elementos, juntamente com o aparecimento de temáticas psicanalíticas, desponham precisamente nos escritos de Adorno desde meados da década de 1930. Não se trata aqui de atestar uma filiação de Adorno à Horkheimer ou aos estudos do Instituto sem mais, mas tão somente de indicar de que maneira a aproximação de Adorno com tais estudos permeou indelevelmente seus escritos, e, mais precisamente, de compreender como Adorno aquilatou, em seu próprio pensamento, os debates que ocorriam no Instituto.

Como também indica Nobre, não é de menor importância, nem para o Instituto de Pesquisa Social liderado por Horkheimer, muito menos para Adorno, o diagnóstico de Friedrich Pollock acerca da passagem do capitalismo liberal do século XIX para o capitalismo monopolista do século XX, formulado ainda na década de 1930. Nobre afirma:

Segundo Pollock (1894-1970), as tendências autodestrutivas do capitalismo descobertas por Marx não se encontravam acirradas, apesar da Revolução Russa de 1917 e da crise econômica sem precedentes ocorrida em 1929. O capitalismo passou de uma fase concorrencial para uma fase monopolista, em que uma alta e crescente concentração do capital em uns poucos conglomerados econômicos acabou por exigir intervenções profundas do Estado na economia, com o objetivo de estabilizar as relações de mercado. Com isso, tornou-se necessário repensar as relações entre Estado e capital, já que, segundo o prognóstico original de Marx, a possibilidade de uma intervenção permanente do Estado para estabilizar e organizar o mercado levaria a um colapso da própria lógica de valorização do capital, e isso não aconteceu mesmo

depois da grande crise de 1929. (...) Pollock enumera uma série de processos em curso que impedem o funcionamento de uma economia de mercado no sentido em que Marx ainda a entendeu. Esses processos são, basicamente, os seguintes: concentração da atividade econômica em empresas gigantescas (com as consequências de preços rígidos, autofinanciamento e concentração sempre crescente); controle governamental do sistema de crédito e do comércio exterior; posições de quase monopólio por parte dos sindicatos e confederações (com a consequente rigidez do mercado de trabalho) (NOBRE, 2013, pp.39-40)⁶.

Em outras palavras, segundo Pollock, a crise de 1929 e a ascensão do fascismo por toda Europa exigiam que se recolocasse a questão do então estágio do capitalismo. De acordo com o economista, haveria uma afinidade crescente entre o mercado e o Estado – este último garantindo permanentemente a estabilidade do primeiro – que, de um lado, impossibilitaria a chance de uma nova crise, e, de outro, anularia também a lógica do livre mercado, dado que o Estado mantém constantemente o poderio dos grandes monopólios intacto, tornando a livre concorrência supérflua. (Cf. VOIROL, 2011, pp. 144-145) Desse modo, haveria uma simbiose e não mais uma contradição entre as forças produtivas e as relações de produção, o que faria tanto Pollock como também Horkheimer e Adorno reverem o prognóstico marxista segundo o qual o capitalismo geraria por ele mesmo suas crises. O que significaria, para Pollock, que se estaria tratando de uma “nova etapa do desenvolvimento capitalista” – o capitalismo de Estado –, que viria substituir o sistema liberal, na medida em que o “Estado assume doravante as funções clássicas do sistema capitalista, permitindo a suas instituições centrais jogar com a venda e compra da força de trabalho ou da acumulação do lucro – o que coloca esse capitalismo como o antípoda do socialismo”

⁶ Sobre o conceito de capitalismo monopolista formulado por Pollock na década de 1930, cf. RUGITSKY, 2013.

(VOIROL, 2011, p. 145). Interessa-nos aqui, todavia, indicar de que maneira esse diagnóstico sobre o advento do capitalismo monopolista seria apropriado por Adorno. *Mais precisamente, pretendemos entender que maneira a interpretação adorniana dessa nova fase do capitalismo irá incidir sobre a sujeição à qual os indivíduos são submetidos nesse novo estágio do capitalismo.*

O ensaio de 1938, chamado *O fetichismo na música e a regressão da audição*, pode ser visto como primeiro momento desse novo arranjo temático promovido por Adorno. De certa maneira, a própria estrutura do texto é elucidativa desse duplo movimento: temos, de um lado, um diagnóstico do setor da produção musical, balizado na ideia de que, com a expansão dos monopólios, se espraia a estandardização e a padronização dos bens musicais, o que leva ao que Adorno chama de fenômeno fetichista; do outro lado, temos seu correlato na própria audição das ouvintes, a regressão da audição, que fornecerá a hipótese a ser testada e verificada nos estudos empíricos relacionados à análise dos efeitos da audição radiofônica.⁷ Em suma, trata-se de relacionar o capitalismo monopolista e seu efeito sobre a produção musical com a consciência e expectativa dos ouvintes, num vai-e-vem que pretende estabelecer certos parâmetros interpretativos que não somente descrevam a maneira pela qual a produção musical radiofônica e musical ocorrem, mas que deem conta de explicitar a complexidade da influência do capitalismo monopolista sobre os indivíduos que dele fazem parte.

O advento dos monopólios no âmbito da produção e circulação musicais seria visto por Adorno como a instauração de um processo massivo de planejamento e estandardização dos bens

⁷ Adorno (2003, p. 9), no prefácio da *Filosofia da nova música*, assim descreve os propósitos de sua análise no ensaio de 1938: "indicar a mudança de função da música atual, mostrar as transformações internas que os fenômenos musicais sofrem ao serem subordinados, por exemplo, à produção comercializada de massa, e assinalar como certas modificações antropológicas dessa sociedade administrada [*Standardisierten Gesellschaft*] penetram até mesmo na estrutura da audição musical".

culturais de cima para baixo – isto é, a partir de uma via única de produção cultural, que adviria somente daqueles bens produzidos pelos monopólios – em que se configuraria, segundo Adorno, uma “nova etapa da consciência musical das massas”. Uma vez que o planejamento dos monopólios se torna a regra da produção musical, impedindo assim que as manifestações culturais apareçam espontaneamente, é interdita a possibilidade de uma “cultura de massas”, na medida em que esta pressuporia uma cultura produzida *pelas* massas, e não *para* elas. Ora, essa nova etapa da qual fala Adorno aponta justamente para a passagem da individualidade burguesa para uma individualidade de massa, num processo que o autor descreverá como liquidação da subjetividade. Trata-se, sobretudo, de um processo de pseudo-individualização, que, comandado a partir de cima pelos monopólios midiáticos, despojará os indivíduos de uma autêntica faculdade estética do gosto, que passa a ser dominado pela simples identificação do indivíduo com o *hit* de sucesso. Esse procedimento adorniano de fazer incidir sobre a subjetividade a influência da organização cultural promovida pelo capitalismo monopolista irá, em última instância, levar o autor a constatar o desfalecimento das categorias estéticas típicas da individualidade burguesa. Neste sentido, Adorno afirma logo no primeiro parágrafo do texto:

O próprio conceito de gosto está ultrapassado. (...) já não há campo para a escolha; nem sequer se coloca mais o problema, e ninguém exige que os cânones da convenção sejam subjetivamente justificados; a existência do próprio indivíduo, que poderia fundamentar tal gosto, tornou-se tão problemática quanto, no polo oposto, o direito à liberdade de uma escolha, que o indivíduo simplesmente não consegue mais viver empiricamente. Se perguntarmos a alguém se “gosta” de uma música de sucesso lançada no mercado, não conseguiremos furtar-nos à suspeita de que o gostar e o não gostar já não correspondem ao estado real, ainda que a pessoa interrogada se

Lutti Mira

exprima em termos de gostar e não gostar. Ao invés do valor da própria coisa, o critério de julgamento é o fato de a canção de sucesso ser conhecida de todos; gostar de um disco é quase exatamente o mesmo que reconhecê-lo. O comportamento valorativo tornou-se uma ficção para quem se vê cercado de mercadorias musicais padronizadas. (ADORNO, 1983, p. 165)

O ponto de Adorno aqui se refere ao desfalecimento do gosto e é elucidativo do processo maior de passagem da individualidade burguesa para a individualidade de massa, ou do capitalismo burguês-liberal ao monopolista: como tanto a esfera da produção quanto a do consumo tornam-se inteiramente absorvidas pelos monopólios do entretenimento, que organizam de maneira padronizada e estandardizada os bens de consumo que farão sucesso, não há mais propriamente lugar para o gosto individual definir o valor do sucesso. Delineia-se assim um padrão de socialização cultural, que perfaz um modelo de coesão determinante de um comportamento submisso e masoquista: o indivíduo meramente identifica-se com o sucesso, com aquilo que já lhe é familiar. Temos uma configuração produtiva que elimina a possibilidade dos sujeitos de lidarem com a alteridade musical; em última instância, a crítica de Adorno dirige-se à ausência da possibilidade de liberdade no interior de um capitalismo dominado pelos monopólios. Esses processos afetariam, segundo o autor, todos os tipos de música produzida atualmente:

Ambas [a música ligeira e a música séria] não se relacionam entre si como se a inferior constituísse uma espécie de propedêutica popular para a superior, ou como se a superior pudesse haurir da inferior sua perdida força coletiva. Não é possível, a partir da mera soma das duas metades seccionadas, formar o todo, que só se move em constante contradição. Se a fuga da banalidade se tornasse definitiva, reduzir-se-ia a zero a possibilidade de venda e de consumo da produção séria, em consequência de suas demandas objetivas inerentes, e a

padronização dos sucessos se efetua mais abaixo, de modo a não atingir de maneira alguma o sucesso de estilo antigo, admitindo somente a mera participação. Entre a compreensibilidade e a inevitabilidade não existe meio-termo possível: a situação polarizou-se em extremos que na realidade acabam por tocar-se. Entre eles já não há espaço algum para o "indivíduo", cujas exigências – onde ainda eventualmente existirem – são ilusórias, ou seja, forçadas a se amoldarem aos padrões gerais. *A liquidação do indivíduo constitui o sinal característico da nova época musical que vivemos* (ADORNO, 1983, p. 170, grifo meu).

Desse modo, Adorno enxerga na própria homogeneização da produção musical, que apaga – em sentidos simultaneamente positivos e negativos – as fronteiras entre música ligeira e séria, uma liquidação do indivíduo: com a inteira padronização dos bens culturais, promulgados de cima pelo capitalismo monopolista, torna-se sem sentido falar na escolha, exigência ou gosto dos indivíduos. Correlato a esses processos é justamente uma regressão da audição, que opera a adequação à realidade dada, em decorrência daquela liquidação do sujeito que não mais cristaliza um gosto estético propriamente dito. Esse processo é descrito por Adorno nos seguintes termos:

No polo oposto ao fetichismo na música opera-se uma regressão da audição. Com isto não nos referimos a um regresso do ouvinte individual a uma fase anterior do próprio desenvolvimento, nem a um retrocesso do nível coletivo geral, porque é impossível estabelecer um confronto entre os milhões de pessoas que, em virtude dos meios de comunicação de massas, são hoje atingidos pelos programas musicais e os ouvintes do passado. O que regrediu e permaneceu num estado infantil foi a audição moderna. (...) A audição regressiva relaciona-se manifestamente com a produção, através do mecanismo de difusão, o que acontece precisamente mediante a propaganda. A audição regressiva ocorre tão logo a propaganda faça ouvir a sua voz de terror, ou seja: no próprio momento em que, ante o poderio da mercadoria anunciada,

Lutti Mira

já não resta à consciência do comprador e do ouvinte outra alternativa senão capitular literalmente sua propriedade. Na audição regressiva o anúncio publicitário assume o caráter de coação. (...) Os ouvintes e consumidores em geral precisam e exigem exatamente aquilo que lhes é imposto insistentemente. O sentimento de impotência, que furtivamente toma conta deles face à produção monopolista, domina-os enquanto se identificam com o produto do qual não conseguem subtrair-se. (ADORNO, 1984, pp. 179-181)

Vê-se desde logo que a temática da transição do capitalismo liberal-burguês para o capitalismo monopolista será desenvolvida por Adorno na chave de uma transição na subjetividade dos indivíduos que fazem parte desse novo arranjo do capitalismo, de modo a elucidar a influência que tal arranjo exercerá sobre a configuração psicológica dos indivíduos, estabelecendo assim os primeiros passos da psicologia social da sociedade administrada que caracterizará a *Dialética do esclarecimento*⁸. Mas nossa atenção não é tanto para o livro de 1947, mas sim sobre os primeiros estudos de Adorno nos EUA, que, por assim dizer, pavimentam o caminho para a formulação da indústria cultural. Nesse sentido, é de grande interesse o conjunto de textos, escritos por Adorno durante os anos 1938-1942, relacionados ao *Radio Research Project*, projeto de estudos sobre o rádio norte-americano que foi uma das razões pelas quais Adorno emigrou para aquele país em 1938.⁹ Muito embora o texto sobre o fetichismo seja desse mesmo ano, ele foi escrito em alemão

⁸ Essa transição na esfera da subjetividade é colocada por Paul Apostolidis, que analisa um texto de Adorno relacionado aos estudos sobre o antissemitismo realizados com o Instituto durante sua estadia nos EUA, da seguinte maneira: "Adorno teoriza que as pessoas desejam renunciar à sua coerência psicológica como indivíduos simplesmente "pois elas devem", devido a alterações na estrutura socioeconômica. A estrutura pós-burguesa e monopolista da economia, Adorno argumenta, não mais recompensa o autocontrole emocional que era a necessária 'atitude do indivíduo independente da era liberal da competição livre'. Ao invés disso, essa estrutura do capitalismo avançado demanda que as pessoas rendam-se às suas forças esmagadoras de economicamente proletarizar e de psicologicamente desintegrar" (APOSTOLIDIS, 1998, p. 62).

⁹ Adorno afirma que duas razões o levaram a emigrar para os EUA: a primeira seria um desejo de participação maior no Instituto, a pedido do próprio Horkheimer, que só a proximidade física permitiria; a segunda seria um convite, intermediado pelo mesmo Horkheimer, de Paul Lazarsfeld, o então diretor geral do chamado *Princeton Radio Research Project*, para que Adorno

– não em inglês, como são normalmente os escritos relacionados ao projeto radiofônico – e publicado na revista do Instituto, o que o coloca como ponto de transição para o *Radio Project*, incumbido de elaborar algumas das hipóteses a serem verificadas no decorrer do envolvimento com o projeto. Na impossibilidade de analisar todo o volumoso número de ensaios relacionados a tal projeto, iremos acompanhar um pequeno escrito chamado *O problema de um novo tipo humano (Problem ein neues Menschentypus)*¹⁰, contido na coletânea *Current of music*, que reúne a produção adorniana relacionada ao *Radio Project*.¹¹ Nesse pequeno mas significativo texto, Adorno inicia indicando a própria mudança que o fim da era liberal do capitalismo coloca à psicologia, e também aos indivíduos por ela analisados:

O conceito de psicologia pertence ao liberalismo. Ele pressupõe o indivíduo em relativo fechamento [*Geschlossenheit*], constante e autônomo na colocação de seus objetivos – na linguagem freudiana, o “ego” [*Ich*]. Enquanto obviamente o indivíduo como unidade biológica continua a existir, e com isso também aquelas suas características que servem à sua reprodução, ele ingressou numa constelação social na qual a reprodução de sua vida não mais pode se realizar no sentido antigo de sua qualidade “monadológica”, portanto de sua independente e antagonista separação do seu arredor. O indivíduo parece estar no caminho de uma situação na qual ele pode se conservar em vida quando capitula em ser indivíduo, borrando as fronteiras entre ele mesmo e seu arredor, renunciando à maioria de sua independência e

encabeçasse os estudos referentes diretamente à produção musical no interior de tal projeto radiofônico. Cf. ADORNO, 1995, p. 139.

¹⁰ Muito embora não haja uma data nesse ensaio indicando quando Adorno o teria escrito, supomos que ele seja dos anos 1938-1940, uma vez que se trata mais de uma apresentação de projetos e abordagens de pesquisa do que de conclusões propriamente ditas.

¹¹ Como não iremos abordar mais a fundo todo o conjunto de questões relacionadas ao significado e à influência do *Radio Project* para o pensamento de Adorno, indicamos dois textos que realizam essa tarefa de maneira diversa, mas igualmente competente: CARONE, 2015, e HULLOT-KENTOR, 2006.

Lutti Mira

autonomia. *No interior de vários setores da população não há mais "ego" [Ich] em sentido tradicional.*" (ADORNO, 2006, p. 652)

Adorno descreve, a um nível mais psicanalítico, o mesmo processo que havia constatado desde *O fetichismo na música e a regressão da audição*: a desintegração do Eu no contexto do capitalismo avançado, que, como diz a citação, borra as fronteiras entre a subjetividade e o social (os arredores), suprimindo assim a possibilidade de formação de um ego propriamente dito – daí que Adorno falasse, no texto supra analisado de 1938, em pseudo-individualização. Segundo Adorno, a sublimação, tal como descrita por Freud a partir do apogeu do capitalismo liberal-burguês do século XIX e do início do século XX seria interdita pela supremacia do social sobre o indivíduo, que o sufocaria a ponto de anulá-lo.¹² Além disso, é importante notar que nesse mesmo ensaio Adorno faz referência direta aos *Estudos sobre autoridade e família*, evidenciando a tese de que o influxo das temáticas discutidas no Instituto de pesquisa social – seja no campo econômico (capitalismo monopolista), seja no campo psicanalítico e sociológico (questão da autoridade e da família) – exerceria influência fundamental em seus escritos a partir de meados dos anos 1930. Adorno escreve:

A desintegração da autoridade da família, particularmente sob a pressão do desemprego estrutural, foi enfaticamente apresentada pela sociologia. Porém, a dissolução da família provavelmente se faz perceptível nas profundas camadas do desenvolvimento infantil. A família cessa de ser o agente mediador

¹² "As mudanças que temos diante dos olhos são aquelas da realidade social, do arredor [*Umwelt*] no qual vivemos. Essas mudanças nos parecem atingir tão profundamente, especialmente no que diz respeito à estágios tenros do desenvolvimento infantil, que a sublimação que desde sempre consistiu na partilha com a realidade extra mental não mais pode se dar da mesma maneira, tanto porque a realidade priva ao desenvolvimento do ego o necessário suporte para a sublimação, quanto porque essa realidade adotou uma tal supremacia que ela sufoca o ego e o desintegra, em sua mais íntima constituição, por meio do medo real." ADORNO, 2006, pp. 652-653.

entre sociedade e indivíduo. Ao contrário, a sociedade que, por assim dizer, tomou posse imediatamente do indivíduo e, por retirar a capa protetora da família, ele não se torna mais um indivíduo no sentido antigo. (...) Seria prematuro, todavia, presumir que a retração da autoridade familiar na sociedade vigente exhibe diretamente um momento de progresso e emancipação. Enquanto, de um lado, os melhores poderes do indivíduo prosperam no ativo e concreto confronto com a família – a tais poderes como que falta atualmente um alvo ativo –, do outro lado, a imediatamente palpável dominação da sociedade sobre o indivíduo, sem qualquer instância intermediária, é tão enorme que em uma camada mais profunda a “ausência de autoridade” [*autoritätslos*] do crescimento infantil é provavelmente mais temerosa da que ocorria no bom e velho complexo de Édipo. (ADORNO, 2006, pp. 654-655)¹³

Como a família deixa de ser a instância mediadora entre o indivíduo e a sociedade – isto é, como ela cessa de funcionar como polo irradiador da autoridade – esta última passa a ser exercida diretamente pela sociedade. Isso possibilitaria que o social tomasse imediata posse do indivíduo, porquanto obstruía a necessidade de resistência do ego frente ao externo. O conjunto desses processos levaria ao que é descrito logo no título do texto, a formação de um novo tipo de homem:

A mudança em nossos arredores, que foi aqui evidenciada por alguns exemplos que não foram separados de suas implicações psicológicas, apontam para a

¹³ Nessa relação conflituosa – mas também positiva, porquanto ambígua – que caracterizava a relação do antigo indivíduo com a família está também a possibilidade da liberdade, revelando com isso o laço indissolúvel entre autoridade e emancipação do qual fazia parte o indivíduo da era liberal: “Assim, a liberdade não pode ser pensada sem a autoridade, na medida em que esta última designa a presença da sociedade no indivíduo. Toda a dificuldade é, portanto, a de que a autoridade é necessária à constituição da liberdade, sendo aquilo que deve ser superado para se tornar livre, no sentido duplo de autônomo e de emancipado. Todavia, os teóricos críticos avaliaram esse paradoxo de maneira essencialmente negativa, considerando que as formas da autoridade que ameaçavam a autonomia dos indivíduos e que a autoridade que poderia “permitir” essa autonomia havia desaparecido, o que interditava a possibilidade da emancipação do indivíduo como também aquela da sociedade.” GENEL, 2013, p. 32.

Lutti Mira

formação em processo de um novo tipo de humano. Ele foi descrito fortuitamente como 'Radio Generation'. É o tipo de homem cuja essência deve ser procurada no fato de que ele não realiza mais nenhuma experiência, mas sim permite o superlativo e opaco aparato social determinar todas as experiências para ele, e precisamente por isso previne a formação do eu [*Ichbildung*], e sobretudo da "pessoa". Na concepção analítica ortodoxa esse tipo humano, tão falho na formação do eu, seria designado de neurótico. Mas o conceito de neurose engloba conflitos determinados com a realidade. Como, no entanto, a 'Radiogeneration' remove a formação do ego justamente na adaptação à realidade, e insere-se em sua natureza, aparentemente sem conflitos, ausente de ego [*ichlosen Beschaffenheit*], então o conceito de neurose certamente não é diretamente aplicável aqui. (ADORNO, 2006, p. 656)

É inegável a conexão entre esse trecho e o texto sobre o fetichismo na música: em ambos Adorno observa que o aparato social passa a dominar sem mediação o indivíduo e sua experiência – seja ela estética, ou qualquer outra –, e dessa identidade entre o sujeito e a sociedade retira-se a anulação da subjetividade, impedida de formar-se pela pressão externa exercida pelo social, instância direta de controle sobre o indivíduo quando da crescente supressão do papel de autoridade da família. E tal pressão relaciona-se, naturalmente, ao capitalismo monopolista e ao modo de produção que ele prescreve. Como afirma Adorno ainda no texto sobre o novo tipo humano, a música, "como a linguagem, tornou-se dominada absolutamente pelos centros monopolistas (...)" (ADORNO, 2006, p. 659). A partir dessa análise da atual situação da música e da nova relação que ela estabelece com o capitalismo, Adorno chega a temática do fim do indivíduo do liberalismo, como também de suas capacidades críticas e emancipatórias. O vínculo que tentamos aqui evidenciar entre o diagnóstico sobre o capitalismo monopolista e a anulação da subjetividade será, como se sabe, a espinha dorsal da concepção de sociedade administrada. Em

última instância, o que aqui se esboça é a montagem de alguns dos pressupostos à *formação* do conceito de indústria cultural, tal como este foi formulado na *Dialética do esclarecimento*.

Todavia, como indica uma passagem do mesmo texto sobre o novo tipo humano, é ainda no próprio indivíduo que se pode enxergar certas potencialidades de resistência – mesmo que tímidas e pouco desenvolvidas – que apontam para uma superação da subsunção total do indivíduo ao social. Como afirma Adorno,

Há motivo para a suposição de que, simultaneamente à atrofia de algumas capacidades, ache-se a libertação de certas outras, e essas são diretamente aquelas que determinam, para tanto, alterações a ser efetuadas, as quais os antigos indivíduos não poderiam realizar. A quebra do muro monadológico, que fechava cada indivíduo em si na era liberalista, oferece a maior fonte de esperança. (ADORNO, 2006, p. 657)

Afirmção de teor semelhante será feita também na dedicatória de *Minima Moralia* (1951):

Na era da dissolução da experiência do indivíduo, este contribui novamente para um conhecimento de si e do que lhe advém que era apenas ocultado por ele enquanto, como categoria dominante, se apresentava de ponta a ponta como positivo. Em face da unidade totalitária, que altissonante proclama como o sentido sem mais a extirpação da diferença, pode mesmo ter-se contraído temporariamente na esfera individual algo da força social libertadora. Nela a teoria crítica se detém, não apenas com má consciência. (ADORNO, 2008, p. 12)

Adorno já teria aqui previsto, em algum sentido, a própria limitação da força da indústria cultural e da sociedade administrada, temática tão presente e importante nos escritos da década de 1960. Pois, como aponta Nobre

(...) se o diagnóstico do capitalismo tardio permanece, em suas linhas gerais, o mesmo que sustentava o livro de 1947 [*Dialética do esclarecimento*], algumas das formulações incisivas que dele se seguem não serão mais repetidas por Adorno. E isto é muitas vezes decisivo. Por exemplo, quando se considera que entre indivíduo e sistema social se estabelece uma verdadeira dialética e não simplesmente subsunção, como parece ser o caso de inúmeras passagens da *Dialética do esclarecimento*. E, como se sabe, essa dialética é um dos eixos centrais da obra tardia de Adorno. (NOBRE, 1998, p. 30)

Em suma, mesmo que a presença do capitalismo monopolista ou tardio ainda esteja marcadamente nos textos da obra tardia de Adorno, disso não decorre necessariamente que haja uma anulação da subjetividade por esse estágio do capitalismo aos moldes da que aqui descrevemos e que caracterizará a *Dialética do esclarecimento*.¹⁴ Esse outro conjunto de questões inaugurado a partir da década de 1960, todavia, já é assunto para outro trabalho.

Referências bibliográficas:

ADORNO, T. W. *Philosophie der neuen Musik*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2003.

¹⁴ Segundo Shannon Mariotti, em seu recente livro *Adorno and democracy*, haveria, mesmo em alguns dos textos dos anos 1940 que Adorno escreveu nos EUA, uma constante identificação de contra tendências que apontariam para uma prática política democrática, e que portanto possibilitariam também a resistência da subjetividade em relação à pressão esmagadora dos monopólios. Cf. MARIOTTI, 2016.

_____. O Fetichismo na música e a regressão da audição. In: BENJAMIN, W., ADORNO, T. W., HORKHEIMER, M., HABERMAS, J.. *Textos escolhidos*. São Paulo: Abril Cultural, 1983 (Os pensadores).

_____. *Palavras e sinais: Modelos críticos 2*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

_____. *Minima Moralia: Reflexões a partir da vida lesada*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2008.

_____. *Current of music: Elements of a radio theory*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2006.

APOSTOLIDIS, P. Culture industry or social physiognomy? Adorno's critique of Christian right radio. *Philosophy and social criticism*, vol. 24, n. 5, 1998, p. 53-84.

CARONE, I. A face histórica de 'On popular music'. In: *Teoria crítica e Adorno: Ideias em constelação*. Manaus: Editora Valer, 2015, p. 301-340.

GATTI, L. *Constelações: Crítica e verdade em Benjamin e Adorno*. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

GENEL, K. *Autorité et émancipation: Horkheimer et la théorie critique*. Paris: Payot, 2013.

HULLOT-KENTOR, Robert. Second salvage: Prolegomenon to a reconstruction of *Current of music*. In: *Things beyond resemblance: Collected essays on Theodor W. Adorno*. New York: Columbia university press, 2006, p. 94-124.

MARIOTTI, S. *Adorno and democracy: The american years*. Kentucky: University press of Kentucky, 2016.

NOBRE, M. Max Horkheimer: A teoria crítica entre o nazismo e o capitalismo tardio. In: *Curso livre de teoria crítica*, Campinas, SP: Papirus, 2013, p. 35-52.

Lutti Mira

_____. *A teoria crítica*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

_____. *A dialética negativa de Theodor W. Adorno: A ontologia do estado falso*. São Paulo: Iluminuras, 1998.

RUGITSKY, F. Friedrich Pollock: Limites e possibilidades. In: *Curso livre de Teoria Crítica*, Campinas SP: Papyrus, 2008, p. 53-72.

VOIROL, O. Retour sur l'industrie culturelle. *Revue Réseaux*, nº 166, 2011/2, p. 125-157.